
ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. Tradução, introdução e notas de Ísis Borges Belchior da Fonseca. Prefácio de Michel Meyer. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 124 p.

Publicado pela editora Martins Fontes em 1999, *Retórica das paixões* é um excerto da *Retórica* de Aristóteles. Reúne os onze primeiros capítulos do segundo livro da *Retórica*, no qual as paixões são apresentadas como “todos aqueles sentimentos que, causando mudança nas pessoas, fazem variar seus julgamentos”. Ao lado do caráter do orador (*ethos*) e da argumentação verdadeira ou provável (*logos*), as paixões constituem prova técnica, meio de persuasão pelo qual o orador faz supor que se encontra em certas disposições em relação ao auditório e, em contrapartida, suscita no auditório disposições semelhantes em relação a si. Para que o orador possa produzir paixões nos ouvintes ele precisará saber, quanto a cada uma delas – catorze são apresentadas na *Retórica* – em que estado de espírito, contra quem e por qual motivo o homem as demonstra. A exposição desses três pontos, que conforme se especificam distinguem as paixões umas das outras, orienta a descrição aristotélica da cólera, da calma, do amor, do ódio, da confiança, do temor, da vergonha, da impudência, do favor, da compaixão, da indignação, da inveja, da emulação e do desprezo.

Sendo o *pathos* apenas um dentre os três meios técnicos de que o orador dispõe para persuadir o auditório, buscamos no prefácio de M. Meyer o propósito de publicar em separado a porção da obra que lhe diz respeito.

O filósofo sai do domínio das paixões por proferir a respeito delas um discurso racional, ao dizer que o homem comum vive de suas paixões. “Falar das paixões equivale, para a razão, a saber quando não se sabe e o que é possível saber vendo o que há a superar”. As paixões justificam o fato de o homem comum não se ocupar da razão, pois conduzem à ignorância do Bem. É preciso resistir às paixões para alcançar o conhecimento. A força de resistência às paixões assegura a possibilidade de aprender e a razão, a aquisição do conhecimento.

Platão propõe a resolução do paradoxo pela cisão da dialética em dois movimentos complementares, análise e síntese. Como o ponto de partida da análise é problemático, a cadeia de inferências proveniente dele também o é, por isso se faz necessário um outro movimento para validar a análise. A síntese, porém, apenas inverte o processo analítico, coligindo as inferências que reconduzem à hipótese inicial, tomada como resultado. O desdobramento da dialética não soluciona o problema de como chegar ao princípio, pois o princípio é e não é, simultaneamente, conforme se considere a ordem da análise ou a da síntese. O paradoxo da aquisição do

saber não se desfaz de todo, reaparece se os movimentos de análise e síntese forem tomados separadamente.

Partir do sensível e alçar-se ao inteligível é, para Aristóteles, um procedimento inviável, já que o saber não pode ser apodítico se nasce daquilo que não o é. A resolução do paradoxo se dá pela divisão de dois campos de conhecimento, um válido apenas para o homem, o outro absoluto. O primeiro é pertinente à retórica e à dialética, o segundo à lógica, cujos silogismos, apoditicamente verdadeiros, partem do conhecido para o desconhecido sem que haja reminiscência.

Meyer considera a integração desses dois campos no interior da proposição “uma verdadeira revolução intelectual”, porquanto permite que o ser, sem deixar de ser o que é, torne-se múltiplo enquanto potencialidade: uno como sujeito e múltiplo como predicado. Mas, admitida a problematicidade no interior da proposição, o *logos*, contudo, mantém-se apodítico, pois a multiplicidade de predicados, contingente e problemática, anula-se face a unidade necessária do sujeito: **P** e **não-P** podem ser predicados sucessivamente ao sujeito **S**, mas resultarão, necessariamente, numa proposição verdadeira e noutra falsa. Só a passagem do tempo permite que o predicado aplicável a um sujeito seja substituído por seu contraditório: com o tempo, Sócrates pode deixar de ser cabeludo e tornar-se careca. A contingência é admitida, mas apenas como modalidade do ser, pois o que é pode ser de várias maneiras.

O que se atribui ao sujeito no predicado é o *pathos*: “lugar de uma diferença a superar na e pela identidade do sujeito”. Como nem todas as contingências predicáveis assimilam-se ao sujeito, o *pathos* inassimilável ameaça a identidade estabelecida na proposição em proveito da alternativa: ele instaura o desdobramento. Assim, para Meyer, a paixão extravasa os limites da proposição aristotélica, é, pois, o lugar do outro, lugar da potencialidade que o sujeito não atualiza: expressão interiorizada da diferença entre eu e o outro.

A virtude, porque torna ato o que existia em potência, é propriamente “o lugar de identidade do sujeito”, contrariamente à paixão, lugar da alternância, pois esta ao mesmo tempo que exprime a individualidade de um sujeito, comporta a negação de sua substancialidade. O meio-termo despreza os opostos preservando na virtude um domínio comum que possibilita a inclusão do eu e do outro num mesmo conjunto político. Se a passagem à ação depende da deliberação e esta da superação do conflito passional, provocado pelas diferenças entre sujeitos, o orador deve, para persuadir, alcançar uma identidade que neutralize o conflito em favor de um fim comum, escopo de cada homem em particular e de todos em conjunto: a felicidade.

De acordo com Meyer, a retórica ocupa-se de oposições (p.37), por isso as paixões, com seus jogos de contrários reversíveis, seriam para ela um campo pri-

vilegiado. Noutra definição sua, as ditas oposições passam a ser quantificáveis: “A retórica é, antes de tudo, um ajuste da distância entre os indivíduos” (p.42), cuja medida é fornecida pelas paixões, “formas de auto-representação projetadas sobre alguém que reage a elas” (p.50). Respostas a representações de inferioridade e superioridade, as paixões colocariam em risco a identidade dos homens na comunidade. Consideradas deste modo, subordinam-se a uma lógica da identidade e da diferença, que decorre do fato de os homens permanecerem diferentes entre si, mesmo quando buscam a identidade política.

Depois de analisar cada uma das paixões descritas na *Retórica*, Meyer propõe que, detrás da aparente aleatoriedade com que são apresentadas, elas possuem um princípio estrutural constituído das relações de identidade e diferença entre os sujeitos. No exame empreendido em busca do princípio ordenador, classificam-se em termos de identidade, superioridade e inferioridade os tópicos apontados por Aristóteles como distintivos de cada paixão, aqueles que estabelecem em que disposição, contra quem e por que motivo alguém as demonstra.

Ao cabo de sua ontologia das paixões, Meyer atribui ao *pathos* a origem da retórica, responsabilizando-o pela delimitação de regiões discursivas que teriam se separado da lógica assim que a contingência, predicável ao sujeito, fora aceita dentro da proposição. Como a lógica se ocu-

pa do que é, tal como deve ser, ocupar-se-á retórica do que é como pode ou não ser e a poética do que não é, embora possa ser. Quanto aos três gêneros do discurso, o judiciário trata do que foi, mas poderia não ter sido, o epidítico do que é, conforme deve ser louvado ou censurado, o deliberativo do que pode vir ou não a ser. Pretende-se que a contingência do *pathos*, hesitante entre o que deve ou não vir a ser, delimite a necessidade da retórica, todavia o auditório não é levado a deliberar unicamente por meio de provas patéticas. Como apontamos no início, o *pathos* é um dentre os três meios de persuasão que a arte fornece ao orador.

Curiosamente, esta edição em separado das paixões poderia acolher a mesma objeção feita pela *Retórica* aristotélica aos tratadistas coevos, porque privilegiavam o *pathos* em detrimento do *logos*: “Eles, porém, nada dizem dos entimemas, que são afinal o corpo da prova, antes dedicam a maior parte de seus tratados a questões exteriores ao assunto; porque o ataque verbal, a compaixão, a ira e outras paixões da alma semelhantes a estas não afetam o assunto, mas sim o juiz.” [1354 a]

Aristóteles, ainda que lhe interessasse ressaltar a importância da prova lógica em detrimento prova patética e ele o tenha feito no primeiro livro da *Retórica*, ao expor argumentos técnicos que, dado um determinado assunto, produzem a persuasão, trata-os não apenas no âmbito do *logos*, mas também segundo a posição do orador (*ethos*) e a dos ouvintes

(*pathos*). Com efeito, não há argumentação se não houver uma questão passível de receber múltiplas respostas e ao menos duas partes interessadas em resolvê-la.

Se a Meyer interessa evidenciar o tratamento racional dado às paixões na *Retórica*, como o faz em sua visada das articulações entre *logos* e *pathos* no proposicionalismo aristotélico, talvez aproveitasse à presente edição o exame da articulação entre *logos*, *pathos* e *ethos*, nos tópicos argumentativos de cada um dos três gêneros de discursos.

ADRIANA SEABRA*
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo

NOTA

- * Mestranda em Latim do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da FFLCH-USP.